

Quem Fala e Quem Escreve sobre Saúde no Rio Janeiro: Levantamento dos Médicos Brasileiros Citados nas Editorias Especializadas de Três Jornais Cariocas¹

Tatiana CLÉBICAR²

Kátia LERNER³

Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro

Resumo

Neste trabalho, analisamos a cobertura de saúde nas editorias especializadas de três jornais do Rio de Janeiro, *Extra*, *O Dia* e *O Globo* durante um ano. O objetivo consiste em elencar os jornalistas e as fontes médicas mais atuantes nesses veículos a fim de reconhecer agentes privilegiados na passagem do discurso médico ao jornalístico. A análise do material permitiu notar uma preponderância de determinados profissionais de ambos os campos. A respeito das fontes, percebemos que as especialidades mais recorrentes foram neurologia e psiquiatria. Quanto aos profissionais aos quais os três veículos recorrem com mais frequência foi possível identificar um grupo de nove médicos num conjunto de 380 especialistas citados que detêm grande visibilidade.

Palavras-chave: comunicação e saúde; fontes médicas; médicos; jornalistas.

Introdução

Ao estudar as dinâmicas da produção televisiva, Jesús Martín-Barbero destaca que “o que importa é o que configura as condições específicas de produção, o que da estrutura produtiva deixa vestígios no formato” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p.301). O autor propõe que se sejam compreendidos, entre outros aspectos, as rotinas de produção, os níveis e fases de decisão e as ideologias profissionais em jogo nas práticas comunicativas. Interessada pelos sentidos da saúde no espaço público, incluindo aqueles construídos pela mídia e sua interface com a sociedade e as políticas públicas, a pesquisadora francesa Hélène Romeyer (2010, 2013) propõe uma abordagem interdisciplinar que também põe em relevo as práticas dos profissionais envolvidos nas produções midiáticas sobre a saúde.

Para Romeyer, a cobertura midiática constrói os discursos sobre a saúde a partir de determinadas escolhas editoriais e enquadramentos sobre o tema, cuja compreensão

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista; mestranda do Programa de Pós-graduação em Informação e Comunicação em Saúde da Fiocruz.

³ Doutora em Sociologia e Antropologia (UFRJ), pesquisadora do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fiocruz e coordenadora do Observatório Saúde na Mídia. Atualmente desenvolve pós-doutorado na ECO/UFRJ.

encontra contribuições valorosas na Semiologia e na Semiótica. Mas há algo além disso. Ou, dito de outro modo, há algo nos processos produtivos que ajuda a explicar por que são estes e não outros discursos produzidos nas mídias. A autora convida, assim, a pesquisas que levem em conta o cotidiano dos jornalistas:

A cobertura midiática de saúde é uma questão manifestada tanto do ponto de vista das linhas editoriais das mídias quanto das práticas profissionais dos jornalistas. Trata-se, então, de considerar em que medida as mídias sustentam ou reforçam uma transformação da cobertura midiática da saúde. O que nos conduz a lançar um olhar original sobre o trabalho dos jornalistas. (ROMEYER, 2010, p. 8, tradução nossa)⁴

Neste trabalho, buscamos atender a essa proposta e tentamos identificar alguns desses traços da produção, observando a cobertura de saúde nas editoriais especializadas de três jornais cariocas, *Extra*, *O Dia* e *O Globo*. O objetivo consiste em elencar os jornalistas e as fontes médicas mais atuantes nestes veículos a fim de reconhecer agentes privilegiados na passagem do discurso médico ao jornalístico. Desse modo, neste momento, o foco não estará voltado aos enunciados, mas aos agentes que os produzem. Nesse sentido, para levantar algumas hipóteses sobre os resultados obtidos pelo levantamento, recorreremos ainda ao trabalho do também francês Maurice Mouillaud que analisou o sistema de citações em jornais parisienses, considerando o jornal impresso como um dispositivo de enunciação específico, e do português Adriano Duarte Rodrigues, que, ao discutir a natureza e as funções do discurso midiático, indica algumas práticas específicas do jornalismo médico.

Para Rodrigues, a relevância dos estudos sobre mídia se justifica, entre outros fatores, pela transversalidade do discurso midiático “no conjunto de todos os domínios da experiência moderna” (RODRIGUES, 2012, p. 230). Romeyer, por sua vez, destaca que a importância das questões de saúde no espaço público obrigaram a que os agentes de comunicação dessem visibilidade a esse tema, “segundo modalidades menos científicas que sociais”⁵ (ROMEYER, 2007, p.69, tradução nossa).

⁴ No original: “Les médias (d’information générale, spécialisés ou professionnels) construisent par leur rubricage, leurs mises en scène et leurs choix éditoriaux un discours spécifique sur la santé. La couverture médiatique des questions de santé est un enjeu manifeste tant du point de vue des lignes éditoriales des médias que des pratiques professionnelles des journalistes. Il s’agit alors d’envisager dans quelle mesure les médias portent ou renforcent une transformation de la couverture médiatique de la santé. Ce qui mène par ailleurs à porter un regard original sur le travail des journalistes”.

⁵ Frase completa no original: “La prégnance des questions de santé dans l’espace public et la demande d’informations ont provoqué une obligation de communiquer et donc une mise en visibilité croissante selon des modalités moins scientifiques que sociales”.

As etapas do levantamento

Para a pesquisa sobre a passagem do discurso médico ao jornalístico, foram coletados os textos sobre saúde publicados nas editorias especializadas e as capas de *O Globo*, *O Dia* e *Extra* desde o início de 2014. Os exemplares de *O Globo* são os de assinantes da Região Metropolitana do Rio; do *Extra*, aqueles vendidos em banca também na região metropolitana e os de *O Dia* são os arquivados pelo Observatório Saúde na Mídia, do Laboratório de Comunicação e Saúde do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (OSM/Laces/Icict/Fiocruz). Em função da vasta quantidade de material, a opção foi analisar os textos que foram publicados em meses alternados. Para este trabalho, devido à incompletude dos arquivos de *Extra*, indisponíveis mesmo na Biblioteca Nacional, recorreremos ao setor de pesquisa desse jornal. Foram analisados, então, os textos dos três jornais dos meses de janeiro, março, maio, julho, setembro e novembro.

Cabe destacar que a opção de se restringir a coleta aos textos das editorias especializadas se explica pelo entendimento de que esse é o espaço do médico por excelência. Conforme Romeyer (2010) e Lerner (2013) já observaram, questões de medicina e saúde não são temas exclusivos das editorias especializadas. Ao contrário, vêm sendo abordados com frequência crescente nas páginas de Cidade, Política, Economia, entre outras. Apesar da publicação dos temas de saúde em diferentes editorias, o enfoque que recebe nesses espaços não atende às necessidades deste trabalho que se interroga sobre as relações entre médicos e jornalistas. Numa pesquisa-piloto, conduzida por um período reduzido, o que se pôde observar é que fora da editoria de Saúde, as fontes convocadas a falar não são tanto os médicos, mas gestores públicos e privados (que podem ou não ser médicos), legisladores, representantes de entidades sindicais, advogados e outros atores da sociedade civil relacionados ao universo editorial em questão. No caso de *O Globo*, uma importante mudança merece algumas considerações. Até abril, o jornal publicava aos domingos sua página de Saúde. Durante a semana, a editoria, sob responsabilidade da mesma equipe, recebia a rubrica de Ciência e ali eram publicados os textos sobre saúde, quase sempre com um viés de inovação. Aos sábados, história era o tema. A partir da reformulação, o jornal promove a fusão dessas editorias, acrescentando ainda os seguintes temas: tecnologia, educação, religião, meio ambiente e sexo. A reestruturação incluiu a equipe de jornalistas, que passou a contar com um editor de Sociedade, assistido por

subeditores das antigas editorias, além de repórteres que, conforme veremos, transitam pelos variados assuntos (O GLOBO, 2014).

Assim, reportagens, entrevistas, notas, cartas de leitores⁶ foram arquivados, preservando-se a data de publicação, o título, a editoria (capa, Ciência e Saúde ou Sociedade, esta última apenas no caso de *O Globo*), a assinatura do repórter e as fontes convocadas. Depois disso, foram contabilizados o total de textos, as chamadas de capa, os textos assinados pela equipe do jornal ou de agências internacionais – ou ainda os leitores, no caso das cartas – e os médicos brasileiros consultados como fontes. Apesar das reiteradas referências a especialistas estrangeiros, detivemo-nos nos brasileiros.

Pelas razões já mencionadas acima, também não foram incluídos gestores executivos em níveis federal, estadual e municipal (ministros e secretários de saúde, mesmo que médicos) quando convocados a tratar das políticas públicas. Embora esta seja uma das facetas da construção dos sentidos sobre saúde na mídia, não é aquela que desejamos analisar neste momento e, sim, aquela que poderia ser descrita como a “conversa de consultório” levada para as páginas de jornal. Médicos coordenadores e técnicos de programas públicos, quando convocados a dar esclarecimentos sobre sua área de expertise nesse sentido, foram incluídos.

Profissionais da saúde e pesquisadores não formados em medicina não integram o levantamento, tampouco nutricionistas, fisioterapeutas, geneticistas oriundos dos cursos das áreas biológicas. Nem sempre essa formação foi explicitada nos textos. A menção à filiação a associações médicas ou experiências com ensino em faculdades de medicina foram úteis para fazer essa clivagem. Quando ainda assim restou dúvida – e nas áreas de genética e saúde mental elas foram recorrentes – uma consulta à Plataforma Lattes, ao site de conselhos regionais de medicina ou às páginas virtuais desses profissionais foi necessária.

Por fim, indicamos aqueles profissionais que foram citados pelos três veículos ao longo do período analisado na expectativa de identificar os fatores que corroboram para este cenário de disputa simbólica entre especialidades e especialistas já que

sendo a distribuição de atenção pública desigual e seletiva, os atores, para fazerem conhecidos e reconhecidos os prejuízos que eles condenam ou as reivindicações que fazem, entram em concorrência com vista a impor a publicização de sua questão às custas de outras. Os conflitos em torno da formulação de definições, a pertinência de argumentos, a possibilidade de denúncias multiplicam os conflitos entre atores coletivos para se construir

⁶ Recurso usado em *O Dia* e *Extra* nas seções “Consultório” e “Pergunte ao doutor”, respectivamente, para a qual leitores enviam dúvidas que são respondidas por profissionais de saúde.

um ambiente de visibilidade e audiência. (ROMEYER, MOKTEFI 2013, p.44, tradução nossa)⁷

Desse modo, foi possível contabilizar não apenas os médicos mais frequentemente citados⁸ como também as especialidades mais presentes nas produções especializadas. Essa estratégia permitiu observar a predominância de determinadas especialidades médicas e comparar as ocorrências entre os veículos.

Quem escreve? Quem fala?

A primeira constatação diante do levantamento é de que, mesmo restrita às editorias especializadas, o volume de textos sobre saúde nos periódicos cariocas é grande. No caso de *O Globo*, a reformulação editorial provocou um considerável aumento de ocorrências que elevou de cerca 40 para cem textos por mês, um valor próximo ao de *O Dia*. O que pode ser percebido é que a fusão das editorias assegurou um espaço editorial maior (mais páginas a serem preenchidas) e a saúde ocupou esse lugar na forma de reportagens, mas também de notas, muitas delas oriundas de fontes internacionais. A relevância da saúde pode ser aferida também pela quantidade de vezes em que essas notícias mereceram destaque na primeira página, espaço mais nobre de um veículo impresso (MEDEIROS, RAMALHO e MASSARANI, 2010). As 184 edições de cada jornal trouxeram respectivamente 16 (*Extra*), 115 (*O Dia*) e 73 (*O Globo*) chamadas de capa para notícias de saúde produzidas nas editorias especializadas. Isso significa 8,6% das edições de *Extra*; 62,5% das de *O Dia* e 39,6% das de *O Globo*.

Tabela 1: Levantamento dos textos de saúde da editoria especializada de *O Dia*

	Extra					
	Janeiro	Março	Maior	Julho	Setembro	Novembro
Total de textos	67	61	82	55	50	50
Chamadas de capa	7	1	1	3	2	2
Textos assinados pela equipe do jornal	29	28	15	28	30	27

⁷ No original: “La distribution de l’attention publique étant inégale et sélective, les acteurs, pour faire connaître et reconnaître les préjudices qu’ils condamnent ou les revendications qu’ils avancent, entrent en concurrence en vue d’imposer la publicisation de leur question aux dépens d’autres. Les conflits autour de la formulation des définitions, de la pertinence des arguments, de la vraisemblance des dénonciations se redoublent de conflits entre acteurs collectifs pour se constituer une aire de visibilité et d’audience.”

⁸ Usaremos recorrentemente os termos citados e mencionados porque, diante da grande quantidade de material, não foi possível averiguar em que casos os médicos são apenas citados, por exemplo, numa nota e em que casos foram efetivamente entrevistados.

Textos assinados por leitores	6	2	3	2	3	7
Médicos brasileiros consultados ⁹	28 (31)	29 (30)	16 (16)	22 (23)	30 (31)	31 (33)
Integrantes da equipe que assinam textos	4	1	9	4	6	2

Tabela 2: Levantamento dos textos de saúde da editoria especializada de *O Dia*

O Dia						
	Janeiro	Março	Maior	Julho	Setembro	Novembro
Total de textos	110	113	128	127	122	123
Chamadas de capa	16	13	24	17	21	24
Textos assinados pela equipe do jornal	8	10	2	7	9	11
Textos assinados por leitores	9	15	12	12	12	15
Médicos brasileiros consultados ⁹	40 (43)	50 (57)	42 (46)	39 (42)	38 (41)	33 (37)
Integrantes da equipe que assinam textos	2	3	1	2	2	3

Tabela 3: Levantamento dos textos de saúde da editoria especializada de *O Globo*

O Globo						
	Janeiro	Março	Maior	Julho	Setembro	Novembro
Total de textos	43	40	104	103	105	85
Chamadas de capa	14	11	17	11	13	7
Textos assinados pela equipe do jornal	17	17	55	38	43	42
Textos assinados por equipe de jornais ou agências internacionais	2	4	2	0	1	1
Médicos brasileiros consultados ⁹	18 (18)	16 (17)	29 (33)	20 (21)	27 (28)	17 (18)
Integrantes da equipe que assinam textos	5	7	27	17	13	21

Em relação à autoria dos textos, foi possível notar em *O Dia* um expressivo apagamento da identidade dos agentes jornalísticos. Apenas 16% dos textos levam assinatura. Não nos causa tanta surpresa que seja assim nas pequenas notas que fazem o número de textos em cada edição ser tão elevado. Mas chamamos a atenção para as matérias de meia página usualmente diárias que raramente eram assinadas. Quando eram, quase sempre um mesmo nome apareceu: o da repórter Beatriz Salomão. Em duas ocasiões apenas ela teve colaboração. No mês de março, um texto sobre a vacina contra o HPV,

⁹ Números absolutos. Entre parênteses números incluindo fontes repetidas.

trazia no pé da matéria a assinatura das colaboradoras Luiza Gomes e Isabela Borges. Em julho, em um texto sobre os impactos da separação conjugal na saúde mental dos filhos, a assinatura informa a condição de Isabela Borges: estagiária. Nos meses de setembro e novembro, um outro nome aparece: Felipe Martins. Já em *Extra*, houve pelo menos um texto assinado a cada edição, quase sempre pela repórter Camilla Muniz. Essa observação não vale apenas para o mês de maio. Supomos que pode se tratar de alguma ausência temporária (férias, licença) dessa jornalista. Em *O Globo*, por outro lado, quase todas as notícias um pouco mais extensas (um quarto de página ou mais) eram assinadas e por uma variedade maior de repórteres, que aumentou ainda mais depois da reformulação editorial. Além dos oito que assinaram durante os dois primeiros meses do levantamento, apareceram os nomes de outros 46 profissionais, incluindo repórteres de sucursais de outros estados e países e os novos colunistas. A repórter Flávia Milhorce foi a que mais assinou matérias durante o período. Individualmente ou em coautoria, 43 textos são atribuídos a ela. Outros repórteres também foram identificados assiduamente: Renato Grandelle, Cesar Baima, Antonella Zugliani e Maria Clara Serra.

A assinatura de um texto jornalístico pode ter diferentes conotações, além de identificar simplesmente seu autor: ela valoriza o trabalho do repórter e distingue os vários profissionais envolvidos, quando esse é o caso. Sua ausência tem muitos sentidos possíveis, entre eles a precariedade do vínculo de quem elaborou o texto. Ou seja, é possível que a estagiária tenha produzido muitos outros textos ao longo do período mapeado. É legítimo pensar que, nas duas situações em que a estudante viu seu nome estampado nas páginas, tenha empreendido um esforço especial que mereceu destaque. Esse é um tema que merece ser investigado em entrevistas com os profissionais envolvidos.

Entre os colunistas¹⁰, é preciso destacar a psiquiatra Carmita Abdo, que passou a colaborar num espaço que leva seu nome tratando de questões ligadas à sexualidade, após a reforma editorial de abril. Esse lugar híbrido e ambíguo que ocupam alguns especialistas merece maior atenção. Ao recorrer ao colunista e ao curador médico, o jornal se coloca “no limite da citação e na borda da citação” (MOUILLAUD, 2012, p. 157). Segundo Romeyer

¹⁰ Pela legislação brasileira em vigor entre 1969 e 2009, apenas um portador de “diploma de curso superior de jornalismo, oficial ou reconhecido, registrado no Ministério da Educação e Cultura ou em instituição por este credenciada” (BRASIL, 1969) e registrado no Ministério do Trabalho poderia desempenhar a função de jornalista. A legislação, porém, previa a figura do colaborador, “assim entendido aquele que, mediante remuneração e sem relação de emprego, produz trabalho de natureza técnica, científica ou cultural, relacionado com a sua especificação, para ser divulgado com o nome e qualificação do autor”. A obrigatoriedade do diploma de Jornalismo para exercício da profissão é alvo de disputas judiciais e foi suspensa pelo Supremo Tribunal Federal em 2009, que a considerou inconstitucional. Atualmente a matéria tramita no Congresso sob a forma de Proposta de Emenda Constitucional 386/2009, que ficou conhecida como PEC dos Jornalistas. A proposta mantém a figura do colaborador tal como descrito acima.

(2007), que estudou a presença de jornalistas médicos, uma categoria prevista pela legislação francesa, nas equipes dos programas de TV e nos sites abertos ao grande público, a participação ativa desses profissionais confere respeitabilidade a esses produtos midiáticos (ROMEYER, 2007, 2012). Como observou, “os profissionais da saúde distinguem a informação médica profissional, técnica e científica da informação de saúde vulgarizada destinada ao grande público” (ROMEYER, 2012, p.6, tradução nossa)¹¹. A autora destaca, em seu estudo sobre os programas televisivos, que essa função dupla deixa marcas nas opções editoriais dos produtos conduzidos pelos jornalistas propriamente ditos e pelos médicos-jornalistas. Em seu trabalho, ela percebeu tensões na forma como jornalistas profissionais e médicos-jornalistas tratam e apresentam a informação, na forma pela qual se comunicam com suas audiências.

Embora a autora não o afirme, é possível depreender de sua análise que o que está em questão é justamente um confronto entre gêneros discursivos¹² distintos. Sobre essa discussão, merecem atenção as palavras de Rodrigues:

O discurso médico tende a criar e impor, não só um vocabulário e regras sintáticas próprias, mas também formas simbólicas esotéricas da sua expressão e da sua difusão. É por isso que o discurso médico é relativamente incompreensível e opaco para os que não são detentores da legitimidade de intervenção expressiva e pragmática no seu domínio específico de experiência, para aqueles que não fazem parte de seu corpo legítimo. O proverbial hermetismo da escrita do médico assegura esta função esotérica do funcionamento da instituição da medicina. A experiência da medicina também tem obviamente acesso ao discurso midiático uma vez que este também se apropria de uma parte da simbólica médica, como prática discursiva transversal às outras modalidades de discurso. Mas, ao apropriar-se dela, o discurso midiático tende a torná-la transparente e universalmente compreensível, em função da natureza exotérica do seu funcionamento. (RODRIGUES, 2012, p. 231)

Apesar de concordar com a argumentação, é cabível pôr em dúvida a transparência e a compreensão universal de que fala o autor. Percebemos, antes, uma tentativa de, como observa Mouillaud, intervenção nas relações travadas no espaço público. Embora esse autor compreenda o conceito de espaço público numa perspectiva habermasiana, que se distingue da de Romeyer, para quem *os espaços públicos* (no plural) são dimensões dinâmicas da vida social nas quais os atores disputam legitimidade e visibilidade, sua abordagem sugere que o recurso às fontes é uma estratégia que garante ao jornal domínio sobre a produção

¹¹ No original: “Les professionnels de la santé distinguent l’information médicale professionnelle, technique et scientifique de l’information de santé vulgarisée à destination du grand public.”

¹² Ver O discurso no romance. In: BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: A teoria do romance*. São Paulo: Hucitec/Anna Blume, 2002, p. 71-210.

discursiva, uma vez que põe a citação em perspectiva. Mouillaud reconhece, assim, o caráter ambivalente da produção discursiva midiática. Ao mesmo tempo em que confere o poder simbólico à fonte, modula-o e regula-o através das citações que põe em concorrência.

O jornal, enquanto produtor de discursos, está em uma posição ambígua com relação a seus enunciadores. Na medida em que é “um quarto de ecos”, é tributário das vozes que reproduz – deste fato, ele próprio está sem voz – mas é senhor do *status* que lhes atribui, quer dizer, de seu poder de asserção sobre o real. (MOUILLAUD, 2012, p. 141-142).

Na prática, esse “poder de asserção sobre o real” pareceu ser construído não apenas em cada uma das reportagens como também em conjunto, se o analisamos longitudinalmente. Em *Extra*, nos seis meses mapeados, 125 médicos brasileiros foram mencionados, segundo os critérios desse levantamento. Vinte e seis deles, porém, foram citados mais de uma vez ao longo do período. É útil nomear essas fontes mais assíduas: os neurologistas Eduardo Barreto e André Lima, os endocrinologistas Tércio Rocha e Pedro Assed, o patologista Hélio Magarinos Torres Filho e o dermatologista Fabrício Lamy, que foi citado dez vezes ao longo do ano. Em *O Dia*, identificamos 189 médicos nos textos, dos quais 32 foram acionados repetidamente. Entre eles, destacam-se o psiquiatra Fábio Barbirato e o cirurgião plástico Chris Willenshofer, que apareceram seis vezes, os neurologistas Miguel Nicolelis e Eduardo Barreto, o angiologista e cirurgião vascular Ricardo Brizzi e a ginecologista, especialista em fertilidade, Maria Cecília Erthal, que foram citados cinco vezes. Aqui apresentamos apenas suas especialidades médicas, mas no jornal elas vêm acompanhadas de formação, titulação, filiação institucional que, conforme Romeyer (2007) observou a respeito das tarjas que aparecem no vídeo em seus estudos sobre os programas televisivos, conferem legitimidade a quem fala.

Ocasionalmente, alguns médicos foram citados em reportagens distintas deste mesmo jornal e identificados de modo diferente, com destaque para a especialidade ou da subespecialidade, em cada uma delas. É o caso, por exemplo, de Maria Cecília Erthal. Num dos textos, ela foi identificada como ginecologista. Em outro, porém, sobre medicina reprodutiva foi nomeada como fertileuta. Em outros casos, o mesmo profissional é apresentado com apenas um de seus sobrenomes. Referências a instituições às quais está vinculado permite a associação à figura em questão. Essas práticas parecem estar relacionadas a questões de diagramação: no caso de haver pouco espaço na linha, usa-se o sobrenome mais curto. Simples assim.

Em *O Globo*, foram citados 109 médicos no total. Onze foram mencionados duas vezes e quatro – a endocrinologista Isabela Bussade, o hepatologista Edison Parise, o

cardiologista Claudio Domênico e a psiquiatra Carmita Abdo – três vezes ou mais. Nos textos, Domênico responde como cardiologista e curador do projeto Encontros *O Globo* Saúde e Bem-Estar promovido pelo jornal¹³, assemelhando-se de certo modo, mas com vinculação distinta, à função híbrida sobre a qual tecemos comentários anteriormente. Cumpre destacar que as três vezes em que Carmita Abdo foi citada como fonte ocorreram após assumir o vínculo com o jornal. Isso sugere que sua nova relação com o veículo não impediu que mantivesse – e talvez até tenha intensificado – a que existia anteriormente.

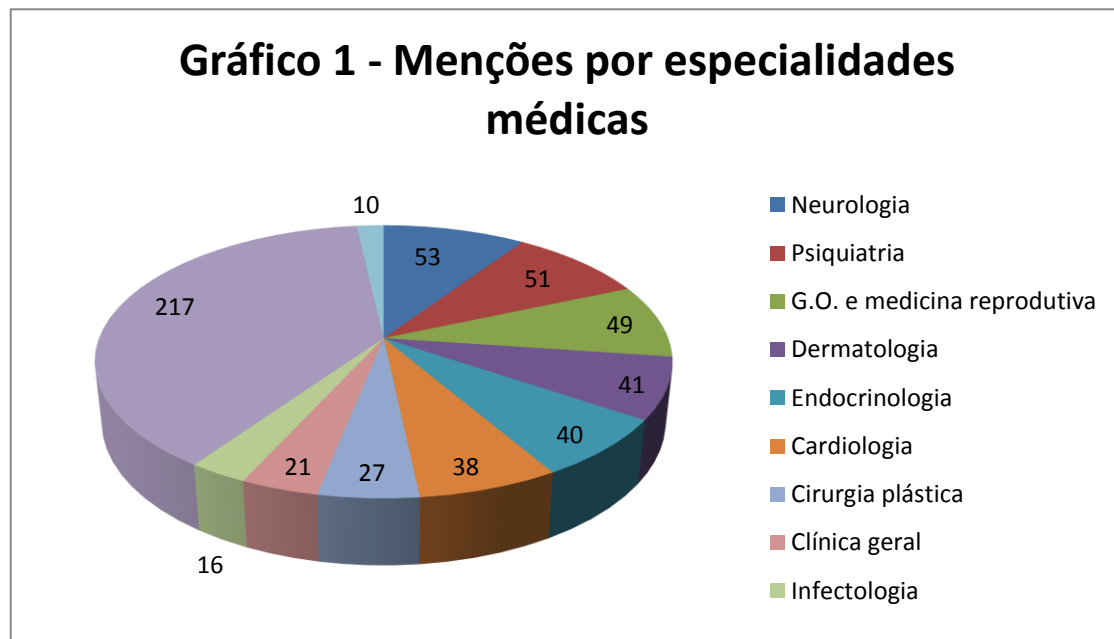
Além disso, no universo de 380 especialistas nomeados nos veículos, a psiquiatra e mais oito colegas serviram de fonte para os três concorrentes. Acreditamos que seja válido enumerá-los um a um porque é possível que alguns desses nomes, por sua recorrência nos meios de comunicação, sejam familiares aos leitores deste trabalho, contribuindo para uma subjetiva validação dos métodos. São eles: o clínico geral Marco Aurélio Chame; o dermatologista Murilo Drummond; os endocrinologistas Pedro Assed e Walmir Coutinho; o ginecologista e especialista em medicina reprodutiva Jorge José Serapião; os neurologistas Miguel Nicoletis; a nutróloga Alice Amaral; e o patologista Hélio Magarinos Torres Filho. Compreender o que faz desses médicos tão assíduos nos meios de comunicação é um dos nossos desafios.

A ideia de uma interseção entre o conjunto de fontes dos dois veículos sugere que elas detenham certas características que as façam merecer maior destaque nos jornais: lugar que ocupam, disponibilidade, referência do tema, relação geográfica, etc. Mas não apenas essas de caráter circunstancial. Como Romeyer e Moktefi (2013) observam, “mesmo os atores do sistema mobilizam cada vez mais competências comunicacionais”. Entre essas competências, Rodrigues (2012) afirma que as instituições e seus agentes procuram se adequar ao modo de operar da mídia, dotando-se de “um corpo especializado de profissionais da midiatização, constituído nomeadamente por adidos de imprensa, porta-vozes, agentes de informação e de relações públicas” (RODRIGUES, 2012, p. 233-234). Considerar essa variável e buscar entender as singularidades do papel desses “mediadores dos mediadores” será decisivo para a pesquisa.

Por outro lado, a grande maioria dos especialistas foi citada apenas por um dos jornais. Alguns deles mais de uma vez. Essa perspectiva aponta para uma preferência do veículo ou do repórter. Se tomarmos essa hipótese como viável, é possível supor que há algo que cada profissional traz consigo, que lhe é peculiar. Analisar as razões para essas

¹³ A série de Encontros *O Globo* integra uma estratégia de marketing do jornal de promover debates, abertos aos leitores, entre especialistas de diferentes áreas, mediados por um jornalista do veículo.

escolhas também pode ser uma forma de recolher os tais vestígios das condições de produção. Uma das possíveis razões seja o domínio de uma determinada área de expertise, valorizada pela sociedade de modo geral e posta em visibilidade na mídia. Para tentar identificar essas áreas, contabilizamos o número de profissionais mencionados por especialidades médicas, conforme o Gráfico 1.



Constatamos que a área da neurologia foi especialmente valorizada: houve 53 menções a especialistas da área (número absoluto, sem descontar os especialistas ouvidos mais de uma vez). Em segundo lugar e terceiro lugar, foram citados os médicos dedicados a psiquiatria (51 ocorrências) e ginecologia, obstetrícia e medicina reprodutiva (49), seguidos dos de dermatologia (41) e endocrinologia (40). Como já explicitado, nosso interesse, neste trabalho, não é pelo enunciados, mas pelos enunciadores. Apesar disso, não é possível deixar de registrar que reconhecemos o quanto de sentido há a ser analisado na valorização da psiquiatria e da neurologia em nossa sociedade.

Embora ofereça pistas interessantes sobre a produção dos sentidos sobre a saúde na mídia, a análise por especialidades tem limitações e não dá conta da complexidade dos temas abordados nos textos. Referimo-nos aos especialistas convocados a falar sobre patologias multifatoriais, como é o caso das doenças oncológicas. Pneumologistas e urologistas, por exemplo, são entrevistados sobre câncer de pulmão e próstata, respectivamente.

Conforme registrado nas tabelas 1, 2 e 3 nem todos os textos, porém, explicitam suas fontes, quaisquer que sejam. A supressão dessa informação pode ser compreendida de forma mais objetiva nas chamadas de capa em que o espaço exíguo pede que se dose a quantidade de informação e capacidade de se despertar a atenção do leitor para o conteúdo interno, onde então encontrará dados completos. No entanto, esse recurso é também utilizado nos textos internos. Além dos textos que não oferecem pista alguma sobre a procedência da notícia, encontramos vários exemplos de situações em que a menção à fonte se limita a “especialistas” ou “pesquisa feita por uma universidade americana”.

Como observa Mouillaud, os efeitos são notáveis. Trata-se de uma mimese das enunciações do jornalista e de sua fonte: “Endossar um enunciado como uma informação – sem lhe atribuir sua fonte – é legitimá-lo como um enunciado real” (MOUILLAUD, 2012, p. 136). Essa, inclusive, seria uma tendência do discurso midiático: “neutralizar as marcas enunciativas” (RODRIGUES, 2012, p. 240) quando lhe convém. Nem sempre, como visto com as inúmeras citações recorrentes, nem sempre é assim: “No discurso relatado, o locutor cita, em estilo direto ou indireto, o discurso de outro locutor, assumindo-o como seu ou demarcando-se dele” (RODRIGUES, 2012, p. 241)

Considerações finais

Como se tentou discutir neste trabalho, compreender fatores relacionados às lógicas de produção é fundamental para que se tenha um entendimento mais abrangente da construção do discurso midiático. Quando a proposta é investigar sua interface com outros gêneros discursivos, tal como se pretende aqui ao se buscar estudar a passagem do discurso médico ao discurso jornalístico, é preciso analisar as relações e as estratégias estabelecidas pelos agentes envolvidos.

Acompanhando as publicações das editorias especializadas num período de um ano, foi possível notar uma preponderância de determinados profissionais de um campo e de outro. Em relação aos jornalistas, um dos veículos observados, *O Globo*, mesclou a constância de um pequeno grupo de repórteres com alternância de profissionais de outras editorias e sucursais. Embora alguns jornalistas tenham assinado os textos, em *Extra* uma única repórter se destacou no grupo. Em *O Dia*, por outro lado, notou-se um apagamento da autoria das reportagens, embora também tenha sido possível identificar a profissional mais assídua na produção dos textos.

A respeito das fontes, foi interessante perceber uma convergência entre os três veículos em relação às especialidades mais assíduas nas páginas: neurologia; psiquiatria; ginecologia, obstetrícia e medicina reprodutiva; endocrinologia e dermatologia. Analisar os sentidos desses resultados não foi o objetivo deste trabalho, mas será fundamental no momento oportuno. Quanto aos profissionais aos quais os três veículos recorrem com mais frequência e, portanto, dispõem de mais visibilidade, foi possível identificar um grupo de nove médicos num conjunto de 380 especialistas citados.

Esse número sugere que esses profissionais, alguns atuando de maneira híbrida, como colunistas ou consultores e como fontes, detêm determinadas características que os conferem centralidade na produção discursiva do jornalismo médico no âmbito das instituições do Rio de Janeiro. Outras fontes, porém, mantiveram-se assíduas nas páginas de um ou de outro veículo, sugerindo que possa haver alguma relação específica entre eles. Identificar quais são essas relações e como elas se processam na passagem do discurso médico ao jornalístico é um próximo passo para a pesquisa.

Referências

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009, 6ª edição.

ROMEYER H., MOKTEFI A. Pour une approche interdisciplinaire de la prévention, **Communication et Langages**, v. 2013, n. 176, jun 2013, p. 33 a 47.

ROMEYER H.. La santé en ligne: des enjeux au-delà de l'information, **Communication, Communication, médias et santé**, Romeyer H. (coord), Laval (Québec), v. 30/1, 2012.

ROMEYER H. (dir.). **La santé dans l'espace public**, Presses de l'EHESP, collection Communication, Santé, Social, 2010, Rennes, 216 p.

ROMEYER, H. **La santé à la télévision: émergence d'une question sociale**, Question de Communication, n. 11, 2007.

RODRIGUES, Adriano Duarte. Delimitação, natureza e funções do discurso midiático. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sergio Dayrell. **O jornal: Da forma ao sentido**. 3. ed. Brasília: Unb, 2012. p. 227-242.

LERNER, K. Doença, mídia e subjetividade: algumas aproximações teóricas. In: LERNER, K, SACRAMENTO, I (orgs.). **Saúde e Jornalismo: interfaces contemporâneas**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2014.

O GLOBO. Debate aprofundado num mundo em transformação. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 11-11. 6 abr. 2014. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/busca/?busca=globo+lança+editoria+sociedade+>>. Acesso em: 13 jul 2015.

MEDEIROS, F. N.; RAMALHO, M.; MASSARANI, L.. A ciência na primeira página: análise das capas de três jornais brasileiros. **História, ciências, saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.17, n. 2, p. 439-454, jun. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702010000200010&lang=pt>. Acesso em: 13 jul 2015.